

RELATOS DE INFÂNCIA: CONCEITOS E DEBATES

Dejair Martins

Orientadora: Eurídice Figueiredo

Doutorando

RESUMO: Trabalhar com a infância é adentrar e mergulhar em um terreno extremamente híbrido, volúvel e de difícil definição, como destacam alguns críticos. É acreditar que toda a liberdade que temos e sentimos enquanto criança será eterna. É pensar que o futuro ainda está muito distante e que quem sabe um dia ainda chegue. É viver cada dia de uma vez e como se fosse o último, se aventurando no que a criatividade e a imaginação de cada um proporcionam. A infância é esse período em que a criança é capaz de minimamente entender, decodificar e compreender a maioria dos elementos e objetos que o permeiam, lugar no qual as cores, os cheiros, o toque, o paladar e os sons ganham importância. Período também no qual o indivíduo se forma, onde o pensamento e a imaginação são aguçados e incentivados, e os detalhes ganham quase vida própria em seu cotidiano simples e bastante imediato. Por isso mesmo aos pensarmos adultos na infância, tal período nos parece um tanto nebuloso, fragmentado, formam-se pequenos estilhaços de lembranças e memórias, como um grande quebra-cabeças ou vários mosaicos díspares de minúsculas informações, que nos chegam muitas vezes sem pensarmos em algo específico, involuntariamente, e que possibilita trazer à vida um passado longínquo. Com isto, tomamos a premissa de analisar e compreender os relatos de infância enquanto gênero autobiográfico a partir de elementos que constituem esse tipo de narrativa: temos o que Freud denomina de “Lembranças encobridoras”, que consistiria em recordarmos aquilo que possuímos de mais distante em nossas memórias da infância, juntamente com fragmentos que obtemos através de terceiros, um “outro”, agregando a “voz da criança” (origem), e por fim, a narrativa do adulto que dá vida mediante testemunho escrito de tais relatos.

PALAVRAS-CHAVE: Relatos de infância, memória, lembranças, fragmentos.

Ao pensarmos adultos na infância, tal período nos parece um tanto nebuloso, fragmentado, formam-se pequenos estilhaços de lembranças e memórias, como um grande quebra-cabeças ou vários mosaicos díspares de minúsculas informações, que nos chegam muitas vezes sem pensarmos em algo específico, involuntariamente, e que possibilita trazer à vida um passado longínquo.

E é devido a essa recuperação de memórias que Sigmund Freud em seu clássico ensaio “Lembranças encobridoras” apresenta a noção de que tais lembranças ocorrem quando o

indivíduo, através de alguma semelhança, traço ou característica, lembra-se de um fato de seu passado distante, mediante uma lembrança mais imediata, que ocorre no momento atual, que a sua memória vai automaticamente remeter àquele passado mais remoto e coligá-lo a essa lembrança do presente.

Portanto, ao utilizarmos esse conceito de “lembrança encobridora”, precisamos ter em mente que o recordar da infância e de ser criança parte do pressuposto imediato de quem recorda, pois ao se situar no presente uma lembrança automaticamente ligada ao passado se estabelece um elo, uma ligação em cadeia de pensamentos e fatos, muitas vezes não totalmente fidedignos, e por isso mesmo preenchidos pela imaginação para que tenha um sentido, quer seja totalmente verdadeiro ou não. E que assim, tal conceito é bastante válido se aplicarmos ao relato de infância, no qual supostamente um autor procura em sua memória mais recôndita recordações bastante longínquas no tempo para recompor uma história de sua vida no passado transposta ao presente, podendo montar tal história de sua vida de fatos, lembranças, acontecimentos e lacunas em branco.

Assim, Freud afirma que as lembranças infantis expõem os nossos primeiros anos não exatamente como eles foram, mas sim quando foram dispostos e perfilados em nossas mentes, ativados pelas memórias dos anos posteriores, onde a partir de uma determinada situação foram “despertadas”, e, portanto, tais lembranças não “emergem”, e sim são “formadas” em nosso inconsciente.

Um exercício de imaginação válido e interessante é pensarmos em determinado acontecimento de nossa infância, por exemplo, o que fiz tal dia em tal ano quando tinha oito anos de idade. Logicamente é impossível sabermos a resposta, mesmo estando totalmente concentrado. Agora, se pensarmos nesse hipotético dia ligado a algum acontecimento marcante, ou que por algum fator consideremos importante, tal memória será composta e perfilada em nossa mente, seja por uma imagem que ocorreu nesse dia, seja pelo cheiro, pelo toque em qualquer pessoa ou objeto, pelo paladar ou pela audição. Algum dos nossos sentidos precisou ser ativado no passado e reativado no presente para que essa “lembrança encobridora” viesse à tona e ganhasse novamente vida, sentido e realidade.

Do mesmo modo muitas vezes ao observarmos nossa infância com essa distância até a idade adulta, vemos essa criança como um outro, e por isso mesmo também é um complicador de se escrever um relato baseado nas memórias de infância, já que o maior objetivo dessa

empreitada, seja para um escritor, seja para qualquer pessoa que se predisponha a recordar seu passado, é descobrir essa “verdade sobre nós mesmos”, pois tais lembranças, ao serem revividas pelo indivíduo, como um tipo “de observador externo à cena”, causa estranhamento e difícil identificação com quem somos hoje, não somente pela distância temporal, mas também porque aquela criança é o catalisador, o propulsor, o modelo de quem nos tornamos no presente.

Logo, não é de se estranhar que alguns relatos de infância sejam narrados em terceira pessoa, pois a distância entre quem narra e quem está sendo objeto da narração é grande. Os dois autores aqui selecionados para essa tese se valem desse artifício em seus textos; Rubem Fonseca com seu onisciente José e Sérgio Sant’Anna que em alguns contos trabalha a narração em terceira pessoa.

Esse tratamento específico de escrita autobiográfica, que tem por intuito marcar o distanciamento do autor adulto para a criança do passado, é identificado por Leonor Arfuch a partir do livro *Roland Barthes por Roland Barthes*, em que a mudança do eu da primeira pessoa a terceira coloca a experiência íntima em outra dimensão, atenuando um pouco o tom afetivo da narrativa e valorizando mais uma postura crítica de se referenciar a si mesmo.

É mediante essa postura crítica identificada pela teórica que se tornam bastante interessantes tais narrativas que falam de si e não utilizam o “eu”, pois falar de si como um outro propicia certo distanciamento do “ele/você” ao “eu”, ou seja, por ter menor carga de significado íntimo o pronome de terceira pessoa reitera e respalda a narração, ao mesmo tempo que isenta quem narra da responsabilidade do que está sendo narrado, pois se não há um “eu” não sou eu quem está contando tal história e sim um outro.

Partimos agora para a categoria de “devaneio”, concebida por Gaston Bachelard, em seu clássico livro *A poética do devaneio*, no qual dedica um capítulo em especial à infância (“Os devaneios voltados para a infância”), que corresponde ao oposto correlato do sonho, ou seja, para que ocorra o devaneio precisamos estar despertos, assim como não podemos acessá-lo por nossa livre vontade, ele nos chega em rápidos *flashes*, como instantâneos de fotografias, e invade por completo a mente e o pensamento, dispondo aleatoriamente lembranças e fatos do passado, e cabe a nós ordenarmos tal cadeia de pensamentos e buscarmos seu real significado, aqui especificamente, na infância.

Por conseguinte, seria impossível restituirmos um passado somente com essas lembranças que nos invadem, pois por mais perfeita e encadeada logicamente sempre haverá brechas e lacunas nesse imenso mosaico que se constitui a memória, e, portanto, a história de nossa infância não pode ser psiquicamente datada, pois as datas, os fatos e as respostas são fornecidos pelos outros, e em outros lugares distintos daquele em que originalmente ocorreram tais memórias e em que se viveram essa infância.

Segundo Bachelard:

[...] a infância: esse passado morto tem em nós um futuro, o futuro de suas imagens vivas, o futuro do devaneio que se abre diante de toda imagem redescoberta [...] permite-nos condensar num único lugar à ubiquidade de nossas mais caras lembranças. Essa condensação reúne a casa amada à casa do pai, como se todos os que amamos devessem, no fastígio de nossa idade, viver juntos, morar juntos. [...] A infância se constitui por fragmentos no tempo de um passado indefinido, feixe mal feito de começos vagos (1988, pgs. 107, 116, 121).

Ao contarmos com um outro, externo às recordações individuais de cada um, abrimos a possibilidade desse passado autobiográfico ser constituído com uma teia de retalhos, onde lembranças pessoais se misturam com fatos alheios, acarretando que todo recordar de uma infância se baseia em acontecimentos reais, verídicos, mas sobretudo “adaptados”, seja advindo das palavras e recordações de outro, ou pela capacidade de querermos encontrar sempre uma resposta a nossas dúvidas e questionamentos.

Outro fator interessante, e que chama a atenção ao se narrar uma infância autobiográfica e presente em alguns relatos de infância, é o trauma. Um evento traumático da infância, que marca o autor indelevelmente, proporciona no momento em que está sendo narrado, um tipo de acerto de contas com o passado e com esse propulsor de dor e sofrimento que marca a vida de quem enfrenta tal situação.

Tomamos como exemplo sintomático de tal especificidade de um relato de infância na literatura brasileira contemporânea, a partir da obra *Meus desacontecimentos*, de Eliane Brum, em que a autora mediante a recordação da morte de sua irmã, acontecimento não superado e que ainda apresenta marcas e cicatrizes presentes na vida da autora, se propõe a reviver seu passado e narrar sua infância, e como a própria afirma procurou transformar em palavras, em texto, todo o sentimento até então represado dentro de si, e a escrita tal qual a literatura

serviriam como instrumentos capazes de expurgar ou ao menos minimizar essa chaga perene e constante¹.

Contudo, não apenas quando escrevemos um fato traumático do passado nos emocionamos. De acordo com Lejeune, a partir do momento que concebemos uma voz a um narrador criança, de caráter autobiográfico, destacamos certa emoção na memória ao ser reavivada. Com isso, a experiência de cada um em ser criança, ao ser revisitada nas lembranças e na escrita no presente, proporciona ao narrador, que fala desse imenso lapso temporal, forte emoção, pois transpor a infância é reconstituir um passado que já não volta e se enxergar como o indivíduo que se constituiu no presente.

O crítico aborda outro detalhe importante, que parte em se dar voz a esse narrador infantil autobiográfico, descolado do seu eu adulto que narra e escreve sobre sua infância muito tempo depois das lembranças ocorrerem de fato. Todavia essa voz infantil deve ser “ouvida” pelo adulto dentro de si, absorvida e reordenada, para que se produza um equilíbrio ao narrar um relato de infância:

[...] uma vez que supõe a restituição, a fabricação de uma voz infantil pode parecer dificilmente compatível com o pacto autobiográfico; mas o procedimento torna-se verossímil no âmbito de uma ficção. Por outro lado, o "natural" não é garantido simplesmente porque quem fala é uma criança: pelo contrário, provavelmente será ainda mais difícil de encontrar o tom certo em uma ficção retrospectiva. Enfim, se mantém em paralelo com a voz da criança a do narrador adulto, um delicado problema de equilíbrio e de articulação surgirá. [...] O vivido infantil nos atinge em suas ficções não como um reflexo, mas como um *eco*, a voz da criança se faz entender no interior de uma voz adulta que continua discretamente mas eficientemente a conduzir o relato. (1976, p. 5) [Tradução minha]².

Portanto, a voz da criança no relato de infância faz parte do conteúdo da enunciação que o então adulto escreve e produz à luz dos anos que separam suas memórias do seu presen-

¹ Curioso notar que a autora só foi concebida e nasceu em virtude do falecimento dessa irmã aos cinco meses de vida. E expõe: “Minha irmã me deu uma *bio*, já que eu não nasceria se ela não tivesse morrido. Eu agora lhe dou uma *grafia*. Aqui consumamos nossa fusão, mas também a separação definitiva” (2014, p. 24).

² [...] dans la mesure où il suppose la reconstitution, la fabrication d’une voix enfantine, il peut sembler difficilement compatible avec le pacte autobiographique; mais le procédé devient vraisemblable dans le cadre d’une fiction. D’autre part le “naturel” n’est pas assuré du seul fait que l’on fasse parler un enfant: au contraire, il sera sans doute encore plus difficile de trouver la note juste que dans une fiction rétrospective. Enfin, si l’on maintient parallèlement à la voix de l’enfant celle d’un narrateur adulte, un délicat problème d’équilibre et d’articulation se posera. [...] Le vécu enfantin nous parvient dans ses fictions non comme un reflet, mais comme un *écho*, la voix enfantine se faisant entendre à l’intérieur d’une voix adulte qui continue discrètement mais efficacement à diriger le récit (1976, p. 5).

te vivido. E a leitura dessa enunciação resulta bastante delicada pela incerteza que se produz com o contrato de leitura que o autor estabelece com seu leitor, visto que se torna impossível se dissociar a criança desse adulto.

O teórico Julio Premat assinala em seu artigo “Pasados, presentes, futuros de la infancia”, que a partir da primeira infância³ descobrimos os objetos e os detalhes de tudo que nos envolve, constituindo assim um relato em si mesmo, regido por regras de verossimilhança, em que a criança estabelece com o mundo e com a aprendizagem, compondo uma dinâmica que obedece a regras próprias, a qual se diferencia frequentemente do pacto referencial e da lógica narrativa que caracterizam os relatos de infância.

E por isso mesmo entende tais relatos de infância partindo da ideia de que a criança é uma “ficção do adulto”, de maneira que essa infância está encerrada a partir do momento em que é ficcionalizada, e frequentemente estereotipada, e como consequência perdurando no imaginário de cada um de nós.

Entendendo assim que:

o episódio inaugural da autobiografia narra a origem e ilustra em sua própria textualidade, o resultado dessa origem [...]. Ao contrário, o início, os episódios da infância são um prolongamento anacrônico da obra de ficção: a causa vem depois do efeito e o mostruário de uma escrita vale tanto quanto a verdade imaginária do que se está narrando⁴ (2014, p. 9) [Tradução minha].

Logo, conclui que escrever sobre a infância é escrever sobre a memória, uma recordação do que passou filtrada pela subjetividade do presente.

O recordar que escrever a infância é escrever a memória, é dizer uma visão do que foi desde a subjetividade do presente, uma encenação que busca, de uma maneira ou outra, dar-lhe coerência e tornar tanto inteligível como utilizável o caótico do passado. A memória não reproduz, mas sim produz, em processos diferentes, instáveis e interpretativos, cenas a partir das percepções recebidas. Por fim, a memória não reside em convocar na consciência circunstâncias sempre idênticas tais como sucederam, mas que funciona como

³ Bruno Blanckeman diz que: “A infância se define como um tempo de atuação permanente com seu princípio relativo de não-consciência” (2003, p. 272). Logo, a infância seria aquela em que o indivíduo não teria plena consciência de si e de seus atos, estaria se constituindo enquanto indivíduo e começando a tomar consciência dos lugares e objetos ao seu redor e de seu lugar no mundo, enquanto sujeito consciente.

⁴ “el episodio inaugural de la autobiografia narra el origen e ilustra, en su textualidad misma, el resultado de esa origen [...]. En cambio, el inicio, los episodios de la infancia, son una prolongación anacrónica de la obra de ficción: la causa viene después del efecto y el muestrario de una escritura vale tanto como la verdad imaginaria de lo que se está narrando” (2014, p. 9).

uma construção a partir dos estímulos de uma situação presente e em resposta a eles. A memória, situada além da verdade ou da falsidade, é o cimento da possibilidade de ação no mundo atual⁵ (2014, p. 13) [Tradução minha].

Portanto, ao trazermos essa memória, nas palavras do crítico, situada entre a verdade e a mentira, estabelecemos que recordar uma infância possibilita muito mais do que reviver um passado distante temporalmente do tempo presente, mas sim, fomentar, de maneira bastante criativa diversas possibilidades de ficcionalizar e potencializar tais recortes longínquos em uma obra literária.

E nisso reside todo o encanto e o fascínio que exercem os relatos de infância, pois neles se transpassa muito mais que uma simples autobiografia, já que esse jogo constante entre passado e presente, criança e adulto, possibilita e acarreta uma série de premissas e pressupostos que só enriquecem a narrativa, estimulando o autor e o leitor, que procura a todo momento se situar entre aquele que narra e aquele que é alvo da narrativa, entre um hoje presente e um ontem no passado que também se faz presente.

Outro autor que compartilha de tais ideias com Premat é o crítico espanhol Fernando Cabo Aseguinolaza, frisando no seu livro *Infancia y modernidad literaria* que a infância parece agregar em si um amplo mostruário das demandas ideológicas da época moderna, o que irá refletir na narração de certos episódios de caráter biográfico em determinados autores.

O que ele quer destacar é a capacidade dos relatos de infância de poderem servir de veículo, manifesto de uma determinada causa e demanda, seja política, histórica ou ideológica, pois a criança tem a capacidade e a “inocência” de ver e relatar tudo que se passa à sua volta com leveza, sem o suposto peso e a bagagem que um adulto automaticamente carrega consigo. Aseguinolaza fala sobre os escritores hispânicos, porém tal conceito também se aplica a nossa literatura, em especial no que tange alguns Modernistas, que empreenderam, a partir de seus relatos de infância, um projeto literário, político, social, histórico e ideológico do período em que escrevem, e que veremos com um pouco mais de detalhes na sequência do capítulo.

⁵ “El recordar que escribir la infancia es escribir la memoria, es decir una visión de lo que fue desde la subjetividad del presente, una escenificación que busca, de una manera u otra, darle coherencia y volver tanto inteligible como utilizable lo caótico del pasado. La memoria no reproduce, sino produce, en procesos diferentes, inestables e interpretativos, escenas a partir de las percepciones recibidas. Por ende, la memoria no reside en convocar en la consciencia circunstancias siempre idénticas tal cual sucedieron, sino que funciona como una construcción a partir de los estímulos de una situación presente y en respuesta a ellos. La memoria, situada más allá de la verdad o de la falsedad, es el cimiento de la posibilidad de acción en el mundo actual” (2014, p. 13).

Ele concebe a infância como uma etapa da vida que deve ser inerente à experiência pessoal, e construída mediante a memória, considerada por ele como “exercício fundamental de introspecção”, haja visto que ao falar da infância falamos sobre o adulto de hoje e de todo o arcabouço de vida e experiência que traz agregado desde a infância.

Ressaltando ainda que essa infância autobiográfica é retomada por um homem já maduro, que parte do seu presente para descortinar seu passado, e isso somente é possível graças à memória, local de acesso às lembranças mais profundas e vívidas, capaz de dar um caráter e uma forma inteligível aos pensamentos.

De tal modo, entende que essa infância elevada a produção literária, a um fazer artístico por um autor já adulto, torna-se uma presença “interiorizada da origem”, transformando-se no fator “mais poderoso de criação”, já que “a infância não só remete a um passado, mas que se deixa entender também como uma presença interior e essencialmente ligada à identidade mais íntima (homogênea e atemporal) do adulto” (2001, p. 54-55). [Tradução minha].

Mediante essas concepções do autor, podemos pensar que o adulto, ao escrever sobre si na infância, se vale desse caráter imagético em que a criança resguarda a sua parte mais “pura” e conseqüentemente, mais verdadeira. Ao relatar essa infância, o escritor parte de um imaginário que enxerga a criança e a juventude como a fase da pureza e da verdade, e assim, ao voltar ao passado, procura comungar com essa parte até então adormecida, que ao ser transcrita e exposta, internaliza tudo aquilo que o escritor quer falar de si, a sua verdade⁶.

Essa volta às origens, em uma busca da “primeira” memória, é o que salientam Anne Chevalier e Carole Dornier, a partir do pensamento que a criança conduz a autobiografia a transformar a rememoração de sua infância em prática arqueológica e ficcional: “o relato de infância é deliberadamente produzido como um relato em segundo grau, cujo modelo privile-

⁶ Giorgio Agamben, em “O que é o contemporâneo?”, destaca que todo o caminho para o presente necessariamente implicaria a “forma de uma arqueologia”, no sentido de que não regressamos a uma memória de um passado remoto, mas sim àquilo que no presente apresenta um resquício de algo que ainda pode ser vivido e que se mantém como um sentimento de não vivido, e que tal processo funcionaria em direção à “origem”, porém sem nunca poder alcançá-la. E assim, situa o presente como: “[...] a parte de não vivido de todo o vivido e aquilo que o impede o acesso ao presente é precisamente a massa do que, por qualquer razão (o seu caráter traumático, a sua excessiva vizinhança), nele não conseguimos viver” (2009, p. 27). Se o presente implica obrigatoriamente uma volta ao passado longínquo, tal passado nunca poderia estar completo ou ser acessado de modo completo, apenas por feixes, fragmentos e pequenas fagulhas.

giado seria a escrita do adulto, jogando para mover seus tons para criar um modo infantil, não anterior, mas posterior ao do escritor”⁷ (2003, p. 11) [Tradução minha].

Um relato em segundo grau justamente por ter uma camada sobre a outra na produção e na escrita, coisa que não ocorre na autobiografia comum, que consiste na narrativa de um evento ou fato isolado e estanque de uma vida, datado de um momento e de um fato, como um recorte em que o escritor quer dar vida a sua memória.

No relato de infância a camada superior seria essa escrita do adulto, mas sempre baseada e sobreposta a fatia “inferior” que são as lembranças da infância, que não apenas sustentam a escrita e as memórias do “eu” adulto como também é o que o faz ter acesso e procurar tais lembranças na sua parte mais distante da memória, procurando chegar o máximo possível naquele fragmento mais nebuloso e cinzento, porém rico e repleto de importância e significado.

Para seguirmos adiante precisamos voltar um pouco no tempo e situarmos os relatos de infância. Lejeune assinala que tais relatos enquanto gênero consolidado surgiram a partir do final do século XVIII, em que essas narrativas se delimitariam por um lado por uma história de família, narrados por outro externo ao autor, porém com certo grau de familiaridade constante em sua vida, e por outro lado por essas lembranças nem sempre serem claras, nítidas ou puramente verdadeiras, e por isso seriam de difícil recordação e vivência.

Anne Chevalier retoma essa discussão do surgimento e proliferação dos relatos de infância a partir do século XIX e a crescente publicação ao longo do século XX, concluindo que mediante um pensamento problemático, no qual todas as modificações e rupturas históricas e científicas que o mundo passou ao longo desse período, reflete-se na visão da criança, que “tornou-se o espelho onde questionamos o significado da vida humana”.

Se através dos olhos e das palavras da criança é possível, como afirma a teórica, de se alcançar a parte mais delicada, íntima e significativa da vida humana, é através das mãos, da memória e pensamento do “eu” adulto que a escrita de um relato de infância se torna tão poderoso e expressivo, pois com ele o adulto se descortina, se mostra ao mundo em sua origem e não como ele é hoje, e sim como foi ontem, como se delineou sua trajetória de vida, como se formou seu caráter e as consequências na fase adulta.

⁷ “le récit d'enfance est délibérément produit comme un récit second, dont le modèle privilégié serait l'écriture propre de l'adulte, jouant à déplacer ses tonalités pour créer un mode enfantin, non antérieur mais postérieur à celui de l'écrivain” (2003, p. 11).

Por conseguinte, o relato de infância é tão complicado de ser analisado, pois funciona justamente na articulação entre o ponto de vista do narrador, que além de sua memória se vale de recordações alheias e que o permeiam, juntamente a essa “voz da infância”, que dá essa “falsa” certeza de uma verdade buscada e traçada até sua origem, as primeiras lembranças de uma criança.

Temos muitos exemplos em nossa literatura contemporânea de autores que ainda jovens se debruçam sobre suas memórias de infância, como Antônio Prata, em *Nu de botas*, Eliane Brum em *Meus desacontecimentos*, João Anzanello Carrascoza com *Aos 7 e aos 40*, Bruna Beber em *A rua da padaria*, e Miguel Sanches Neto com *Chove sobre minha infância*, apenas para nos determos em alguns nomes. E sintomaticamente, esses autores tematizam com frequência a questão da infância de caráter íntimo e autobiográfico em outras obras suas.

Recuando para um passado recente e tomando como contraponto outros exemplos em nossa história literária, podemos citar os modernistas, que utilizaram e produziram os relatos de infância não somente para esboçar suas memórias de infância, mas também para traçar um painel de certo valor documental do país em seu processo de transformação política, social, cultural e histórica no início do século XX. Obras cujas qualidades ainda refletem um domínio acurado de recursos técnicos, e produtos de um projeto estético consolidado.

Como bem destaca Fátima Cristina Dias Rocha:

Escritas por autores que nasceram no final do século XIX ou no início do século XX, as memórias de infância de nossos modernistas ainda guardam um valor documental, na medida em que encenam e interpretam as transformações por que o país passou, no início do século XX. [...] Entretanto, o caráter documental do rico painel desenhado por essas memórias de infância não suprime ou torna menor a inventividade da prosa memorialística de nossos escritores: compostas num momento em que tais autores já haviam elaborado uma vigorosa obra ficcional e/ou poética, as memórias exibem o domínio de recursos técnicos e expressivos variados, fruto de um maduro projeto estético e ético de seus autores (2017, pgs. 178-179).

Autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Oswald de Andrade, Guimarães Rosa, dentre outros, produzem suas infâncias memorialísticas como um marco e uma bandeira do momento de grande mudança pelo qual o país passou ao longo das primeiras décadas. Além do caráter de relembração de uma infância datada temporalmente, eles trazem à tona a história de um Brasil que muitas vezes ainda se encontra velada ou camuflada pelas inúmeras camadas do tempo e do esque-

cimento, conseguindo produzir mais do que um relato, um documento de inestimável valor social e histórico.

Por outro viés, vemos hoje com a disseminação dos meios de circulação de textos online, de rápido e fácil acesso em diversas plataformas, uma verdadeira enxurrada de narrativas sobre a infância autobiográfica para serem lidas e consumidas instantaneamente. Textos esses geralmente de formato reduzido, como contos, crônicas e poemas, que se valem de breves fragmentos para mais fácil circulação e assimilação. E mais recentemente temos números de revistas literárias totalmente dedicados à infância (com e sem viés autobiográfico) literária em seus múltiplos aspectos e temáticas pertinentes ao termo, incluindo desde pequenos ensaios até verbetes e micro contos⁸.

Por fim, podemos refletir acerca do pensamento de Lejeune e Francine Dugast Portes. Para o primeiro, a definição de uma narrativa de infância, de cunho autobiográfico, pressupõe que, ao ser contado, “congela sua memória e a mata”, no sentido de que tal memória só é possível de ser acessada, de ganhar um sentido prático na medida em que se encaixa em determinado período e época de uma vida, ou seja, na infância. E nas palavras do autor, ao ser “transferida” para o presente literário da escrita, ela “perde sua plasticidade”, visto que esse ato de decodificar em prol de um entendimento das lembranças muito se perde e fica sem significado, o que acarreta o preenchimento dessas imensas lacunas que permanecem e que continuarão sem respostas.

Para Portes a narrativa da infância implicaria “um questionamento sobre o conhecimento”, constituindo uma espécie de desafio ao esquecimento, a infidelidade da memória, a dificuldade de se conhecer e a inadequação da linguagem. Na medida em que o conhecimento da infância, sua memória, lembranças e recordações estão em um terreno cinzento e nebuloso, onde o esquecimento dos fatos é preenchido por informações alheias e por fragmentos revividos.

Logo, um relato de infância que queira ser assim denominado e designado precisa dar voz à criança dentro de si em busca de sua “origem”, trazer à tona essas lembranças até então dormentes, juntamente com informações colhidas através de um outro próximo e enfeixadas pela escrita e memórias do autor no presente.

⁸ Um ótimo exemplo desse tipo de revista é a recém-publicada “Gratuita”, pertencente a editora Chão da Feira, que dedicou o seu terceiro número exclusivamente a temática da infância, reunindo textos de críticos e escritores, abrangendo ensaios, poemas, contos, crônicas e trechos de romances.



REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: EdUFMG, 2014.

_____. *Nudez*. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 2009.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

_____. *Memoria y autobiografía: exploraciones en los límites*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.

ASEGUINOLAZA, Fernando Cabo. *Infancia y modernidad literaria*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2001.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

_____. *Rua de mão única - Infância berlinense: 1900*. Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BEBER, Bruna. *A rua da padaria*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

BIEZMA, Javier del Prado. CASTILLO, Juan Bravo. PICAZO, María Dolores. *Autobiografía y modernidad literaria*. Cuenca: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1994.

BLANCKEMAN, Bruno. "La tentation du défaut (sur quelques récits d'enfance)". In: CHEVALIER, Anne. DORNIER, Carole. *Le récit d'enfance et ses modèles*. Caen: Université de Caen Basse-Normandie, 2003.

BRUM, Eliane. *Meus desacontecimentos*. São Paulo: Leya, 2014.

CÁRCAMO, Silvia. "Infância e memória". In: GONZÁLEZ, Elena Palmero; COSER, Stelamaris. *Em torno da memória: conceitos e relações*. Porto Alegre: Editorial Letra1, 2017.

CARRASCOZA, João Anzanello. *Aos 7 e aos 40*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.



CHEVALIER, Anne. “La vogue du récit d’enfance dans la seconde moitié du XXe siècle”. In: CHEVALIER, Anne. DORNIER, Carole. *Le récit d’enfance et ses modèles*. Caen: Université de Caen Basse-Normandie, 2003.

CHEVALIER, Anne. DORNIER, Carole. “*Avant-propos*”. In: CHEVALIER, Anne. DORNIER, Carole. *Le récit d’enfance et ses modèles*. Caen: Université de Caen Basse-Normandie, 2003.

FENATI, Maria Carolina (org.). *Infância (Gratuita; v. 3)*. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017. Disponível em: <http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2017/11/Gratuita3-PDF-Site.pdf> Acesso em 20/12/2017.

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. In: *Obras completas. Vol. III*. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

_____. “Techniques de narration dans le récit d’enfance”. *Colloque Jules Vallès (1975)*. Lyon: Presses de l’Université de Lyon, 1976, p. 51-74.

_____. “Votre enfance en cinq leçons”. In: CHEVALIER, Anne. DORNIER, Carole. *Le récit d’enfance et ses modèles*. Caen: Université de Caen Basse-Normandie, 2003.

NETO, Miguel Sanches. *Chove sobre minha infância*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

PORTES, Francine Dugast. “Le récit d’enfance et ses modèles: esquisse d’un bilan”. In: CHEVALIER, Anne. DORNIER, Carole. *Le récit d’enfance et ses modèles*. Caen: Université de Caen Basse-Normandie, 2003.

PREMAT, Julio. “Pasados, presentes, futuros de la infancia”. *Cuadernos LIRICO*. Paris. 11/2014.

ROCHA, Fátima Cristina Dias. Realismo e invenção nas “ficções de infância”, de Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Miguel Sanches Neto. In: WERKEMA. Andréa Sirihal. OLIVEIRA, Ana Lúcia Machado de. SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. (orgs.). *Figurações do real: literatura brasileira em foco VII*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.